

URBANO TAVARES RODRIGUES

Entrevistado por Maria Augusta Silva

JANEIRO 1994

ENTREVISTA REALIZADA NA OCASIÃO EM QUE FOI ATRIBUÍDO AO ESCRITOR
O PRÉMIO FERNANDO NAMORA

Acredita numa nova era do pensamento. Continua a ser um homem de ideais. Gosta de combater a arrogância do poder. Pela sua obra literária passam a luta, a raiva, o amor, o exílio, a solidão, a dor. As sombras e a luz. As vivências. Os lugares. Os contrastes. A esperança. «Porque a vida é como um trapézio.» O jornalismo foi a esteira do escritor. Muitos anos nas bancas. Uma experiência que o levou, também, mundo fora, dos palácios aos bairros de lata. «Temos, hoje, um jornalismo com mais liberdade e gente especializada. Mas num aspeto a comparação é desfavorável: na qualidade da redação.» Palavras serenas as deste «homem da planície» que escreveu *Os Insubmissos*. Amante do

Alentejo. De um Alentejo com duas faces: «A lírica, das grandes searas, das azinheiras, dos grandes contrastes da terra, do pôr-do-sol mais lindo de Portugal. A outra, a da tragédia da fome, da miséria dos camponeses.» De camponeses que lhe encantaram a infância com histórias de lobisomens e da guerra de Espanha, e tantas outras. «Esse fundo mágico alentejano ainda está presente no meu espírito.» Foi no Alentejo que se lhe despertou «o sentido de justiça». Muitos prémios a sublinharem uma obra repartida pelo romance, novela, ensaios. Teixeira Gomes, constante nas suas pesquisas. Pertence a uma geração marcada pelo pós-guerra, «que viveu uma certa pobreza, mas, ao mesmo tempo, aquela euforia do existencialismo, onde confluíam a procura das profundidades do ser humano e a fraternidade». Atormenta-o a falta de tempo: «Mas hei de arranjá-lo.»

Receber o Prémio Fernando Namora por *Violeta e a Noite* é uma riqueza em que sentido?

É, sobretudo, o Prémio Fernando Namora. Um grande escritor, um homem inteligente e generoso. Fomos grandes companheiros.

Esteve próximo do neorrealismo?

Nunca fui um neorrealista, embora tenha sofrido algumas influências.

Fiz sempre uma procura mais intensa da vida interior. Fernando Namora, também ele, foi mais além. Em *O Homem Disfarçado* havia sinais do pensamento existencialista, se bem que não renegasse a origem neorrealista.

O neorrealismo foi olhado de esguelha. Chegou a ser menosprezado...

Extremamente injusto. O neorrealismo deu-nos alguns dos maiores escritores da nossa literatura: Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Alves Redol, Manuel da Fonseca, um escritor extraordinário que perdemos recentemente. Essas críticas demolidoras prendiam-se, a meu ver, e fundamentalmente, com uma questão política e visavam não só escritores neorrealistas como outros que tinham uma visão socialista do mundo e do futuro. Foi moda bater no neorrealismo.

Mantém uma visão socialista do mundo?

Absolutamente. Com os mesmos ideais e algumas correções que a história nos tem ensinado. Há coisas que falharam. Importa tentar compreendê-las de outra maneira. Mas continuo a ser comunista. Sou da margem esquerda e na margem esquerda ficarei.

Qual a maior correção que introduziu na sua linha de pensamento?

A ideia de que é necessário, para conseguir uma sociedade socialista, existir muito mais liberdade do que houve, por exemplo, nas experiências dos países do Leste. O socialismo falhou, ali, devido a circunstâncias de ordem económica, sem dúvida, mas também, em grande parte, pela falta de liberdade.

Como olha, agora, esses países?

Assiste-se a formas de capitalismo selvagem e o neoliberalismo

económico de outros países da Europa central também não me parece ser a melhor solução. O futuro vai demonstrar que têm razão os que assim pensam.

As pombas, para si, ainda são vermelhas?

Quando dei esse título a um dos meus livros pensava em duas categorias humanas: as pombas e os falcões. Os falcões amam o poder e a violência; as pombas amam a liberdade, a justiça, a fraternidade. Queria eu dizer que as pombas estão à esquerda. Quando falei deste título ao meu irmão Miguel, ele comentou: *pois é, mas as pombas são brancas.*

Faz sentido continuar a falar-se de esquerda e direita?

Todo o sentido. Não significa que não haja pessoas honradas e boas na direita e na esquerda. Mas a visão do mundo, essa é completamente diferente. Faço uma constatação. São factos que toda a história nos ensina.

Vive em coerência com os seus ideais?

Todo o homem é incoerente. Mas tenho procurado viver dentro da coerência possível. Não penso que seja pelo facto de me privar de um bife que todos os outros não terão fome. Devo, sim, ajudar a que os outros o possam igualmente comer. Mas não quer dizer que não sinta muitas vezes remorso por ter prazeres que muitos não podem experimentar, e isso amarga um pouco a minha alegria de viver.

No livro agora premiado, amor e morte dão lugar à noite...

A noite é uma metáfora da morte, a de Valério. Violeta é a mulher que se defronta com a morte do homem amado.

Mas existe Heitor, o eterno apaixonado...

Neste caso ser amado não é o mesmo que amar. Ela nunca mais poderá amar ninguém como amou Valério. Pelo menos, eu quis exprimir isso.

Crê num só amor?

Acredito na renovação do amor. Procurei criar uma figura de mulher que nunca tinha encontrado – e talvez nunca mais volte a encontrar – sentimentos tão fortes, sensações tão perfeitas, como as que teve na relação com Valério.

Nos nossos dias, ainda pode viver-se um amor tão intenso?

Uns mais do que outros; esses são os mais felizes, embora possam ter, também, zonas de sombra. Porque as grandes alegrias pagam-se com tristezas. A vida é como um trapézio, não podemos parar durante o voo.

Tem de haver sempre um castigo?

Não penso em termos de castigo. Mas a vida é feita de sombra e luz, vida e morte. Cheia de contrastes.

Quem faz a vida?

Tão difícil dizer quem. Não sou crente. Porventura, a natureza. Mesmo sendo-se materialista como eu, no sentido filosófico, temos de admitir que há uma forma superior de matéria. Nem sabemos se existem outras dimensões. Por isso, a minha obra tem uma certa dimensão fantástica.

Os bairros de Lisboa movimentam-se em *Violeta e a Noite*. Gosta de andar por ruas e vielas?

Passeio muito por Lisboa: Santa Catarina, Bairro Alto, Alfama, Madragoa. Há três cidades a que estou mais ligado afetivamente:

Lisboa, Paris e Moura do meu Alentejo. E Évora, maravilhosa.

Como vê Lisboa, capital europeia da cultura?

Lisboa é habitualmente uma cidade com uma oferta cultural relativamente alta mas com uma participação popular relativamente baixa. Julgo que Lisboa-94 pretende dar uma imagem de uma rica participação cultural, que não existe. Mas talvez possa ser um estímulo.

Qual o papel do escritor nesta Lisboa-94?

Não sei o que está previsto. Defendo a discussão de ideias entre escritores portugueses e estrangeiros, de maneira a criar-se um espaço de divulgação e diálogo.

Homem de buscas?

É o que mais apaixonadamente me interessa na literatura, essa busca dos fundos do ser humano, dos alçapões, das zonas sombrias, do inconsciente.

Como se projeta na juventude de hoje?

Tenho uma relação mais de igual para igual, embora não seja já aquele tratar por tu do período da revolução. Mas sinto-me igual e não superior. Sou professor e mais velho, portanto, o facto de ter mais conhecimentos é natural. Mas a descoberta processa-se em igualdade e com enriquecimento mútuo.

Os jovens voltam a preocupar-se com valores culturais?

Sinto, como professor da Faculdade de Letras, que os alunos deste curso – quase todos – estão motivados para ler. Os próprios audiovisuais, se bem orientados, poderiam incentivar. A crise da leitura em Portugal é mais acentuada do que em França ou na Itália.

Estamos mais sob a influência norte-americana, mas já se esboça uma tentativa de proteger a cultura europeia.

Os grandes desequilíbrios aumentam os riscos de xenofobias e nacionalismos desastrosos...

É um dos graves problemas da sociedade atual. Quando grandes sonhos abortam vêm à tona os instintos mais baixos. Neste momento, o instinto mais baixo é o valor supremo do dinheiro, um neoliberalismo que atinge também Portugal.

Ninguém gosta de ser pobre...

Claro que não. Mas não esqueçamos o respeito por valores culturais.

Autor de *Pedrada no Charco*, que “pedrada” seria necessária hoje para mexer as águas?

Precisávamos de uma saraivada! Esse livro esteve para ser apreendido pela Censura. Salvou-o o Prémio Ricardo Malheiros. Trata da rutura, importantíssima, entre pais e filhos da geração dos próprios dirigentes do regime.

As suas personagens têm uma vivência espantosa, mas de muita solidão, nomeadamente nos contos. Homem de grandes solidões?

Sou uma pessoa reservada, que necessita de espaços de solidão. Em *Contos da Solidão*, quase todos escritos na prisão de Caxias, há um duplo sentido. De princípio, a polícia política não me deixava ler nem escrever. Até que pedi a Bíblia. Li-a de uma ponta à outra. Depois, fui escrevendo no único papel disponível, o do rolo higiénico, e fiz sair esses *Contos da Solidão* embrulhados em papel vegetal.

E o escritor de *Fuga Imóvel* é o homem que foge sem partir?

É uma fuga onírica. Uma fuga dentro de alguém dormindo e sonhando, que está imóvel e ao mesmo tempo viaja. Tal como uma personagem desse meu livro, que deixa a praia, nadando, para não mais voltar, mas não sai do mesmo sítio; não se sabe muito bem se está sonhando, se vivendo.

Já experimentou uma dessas fugas?

Até já me senti à beira da morte, nadando tão longe quanto se pode ir no oceano.

O mar domina-o?

Tenho uma relação quase carnal com o mar. Uma verdadeira fascinação.

Que leva um jovem de dezassete anos a escrever *Horas Perdidas*?

Era um estudante do liceu, cujo pai o queria ver na Faculdade de Direito, porque daria mais dinheiro, mas o jovem seguiu Letras por vocação. Era um jovem que, apesar de tuberculoso, queria fazer o serviço militar e acabou no Hospital da Estrela.

Por que desejava cumprir serviço militar alguém que defende a liberdade civil?

Para não furtar-me ao que os outros tinham de cumprir e por querer aprender a mexer em armas.

Um homem de paz a manipular armas?

À violência tem, por vezes, que se opor a violência. Eu próprio tenho oposto muitas vezes a violência à violência. Quando me ofendem, respondo a um murro com um murro. Não ofereço a outra face. Procuro resolver as coisas com palavras, mas há o género de pessoas

que, quanto mais brando se é, mais agressivas são. Então, a resposta terá de ser outra.

Que saída para esse mundo de violência?

Lutar pela paz, quanto possível por meio das palavras.

Acredita numa nova era do pensamento?

Tem de ser possível. Estou a pensar, nomeadamente, na violência Norte-Sul. Quando vejo queimarem-se alimentos nos programas da Comunidade Europeia e sinto a fome em África e na América Latina, não será uma forma tremenda de violência? Outra são os salários humilhantes, pagos, inclusive, em países desenvolvidos. Tenho um sonho de fraternidade e creio na miscigenação. Revolto-me contra leis que restrinjam a emigração. A pureza das raças é de má memória. Os movimentos neofascistas são já uma realidade por toda a parte.

Não poderia ser mais racional investir solidariamente junto dos povos empobrecidos?

Seria ideal. Falha, realmente, uma verdadeira política de solidariedade.

Caridade é mais fácil?

Onde essa caridade é sincera, reconheço-o, mesmo não sendo a minha zona ideológica, parte de figuras da Igreja, como o bispo de Setúbal. Não é caso único.

Tentam fazer a rebelião dentro do sistema?

Nalguns aspetos, como no caso da sida, tomando posições que não são, de modo nenhum, as do Papa. Quanto à solidariedade social, verifico, cada vez mais, uma aproximação da Igreja a posições de

vanguarda. Se é uma atitude sincera da Igreja ou apenas uma estratégia, ainda me interrogo.

Algum dia sentiu necessidade de acreditar em Deus?

Tive as minhas inquietações religiosas por volta dos treze anos. Em contacto com a realidade alentejana sentia-me muito próximo de um socialismo cristão. Desapareceu aos dezasseis anos.

Desenganos?

Primeiro, colocou-se-me a inautenticidade da confissão. Uma pessoa confessar-se para logo fazer o mesmo... Estudei muito, entretanto, a história das religiões. Não digo que tenha morrido imediatamente em mim a ideia de um Deus, mas comecei a afastar-me. Surgiram outros valores com muita força: a liberdade, o socialismo, a luta contra o fascismo. Fiquei sempre com uma simpatia pela figura de Jesus Cristo. Não como divino, mas um profeta com uma mensagem muito bonita.

Memória cheia de memórias, que memória tem do Urbano dos vinte anos?

O meu ingresso na Faculdade de Letras, quando saí do Hospital Militar da Estrela. Foi marcante.

Como lutou contra a tuberculose?

Não a tomava muito a sério. Fazia o que o médico indicava, mas, às escondidas, ia montar a cavalo, dava umas escapadas à noite e caçava.

Que mais gosta, ainda, de infringir?

A arrogância do Poder. Gosto de a combater.

Doce utopia?

O homem não pode viver sem utopias. Há de criá-las sempre. As utopias só se esgotam quando os homens se deixam corromper pelo poder.

Nunca foi tentado pelo poder?

Não gosto do poder. Sendo comunista, não deixo de ter um fundo anarca...

Como pode um comunista dizer isso?

Marx e Bakunine tinham algumas coisas comuns, embora Marx tivesse conseguido expulsá-lo da Internacional. A destruição das relações de poder entre os homens está na origem do pensamento marxista. Marx nunca disse que deveria haver um só partido. Eu tenho esse fundo sentimental anarca. É próprio de um escritor.

Urbano, um homem feliz ou que faz a *Imitação da Felicidade*?

Não acredito na felicidade absoluta. Creio em momentos de intensa felicidade. Por esses momentos vale a pena viver.

O amor foi sempre sólido em si?

O amor conhece-se, em geral, mais do que uma vez ao longo da vida e nunca é igual.

© MARIA AUGUSTA SILVA